

Crônicas de Viagem, Ensaios Científicos e Textos Nacionais: Uma Reflexão sobre a História Amazonense

Talita Hermógenes Fernandes¹; Renata Macêdo Leite²; Joao Bosco Ladislau de Andrade³

Resumo: Este artigo se dedicará ao estudo da história da Amazônia, através das palavras de autores que escreveram sobre essa área particular. Assim, as crônicas de viagem retrataram a Amazônia para os países europeus, apresentando-os o novo mundo. Os ensaios científicos também foram importantes nesse processo, descrevendo a flora, fauna, águas e o povo da Amazônia, a partir dos relatos de grandes cientistas em suas experiências. E ainda há a autodescrição da Amazônia por brasileiros, textos nacionais de autores como Euclides da Cunha, Mário de Andrade e o então Presidente Getúlio Vargas, que discorreram sobre as grandezas dessa região e as particularidades aqui encontradas, essenciais para uma compreensão diferenciada acerca do território amazônico. Este artigo realizará uma reflexão da história da Amazônia através das considerações de autores que contribuíram para apresentar a Amazônia para o mundo e para o restante do país.

Palavras – chave: Amazônia. História. Autores.

Travel Chronicles, Scientific Essays and National Texts: A Reflection on Amazonian History

Abstract: This article will be dedicated to the study of the history of the Amazon, through the words of authors who wrote about this particular area. Thus, the travel chronicles portrayed the Amazon to European countries, introducing them to the new world. Scientific essays were also important in this process, describing the flora, fauna, waters and the people of the Amazon, from the reports of great scientists in their experiences. And there is still the self-description of the Amazon by Brazilians, national texts by authors such as Euclides da Cunha, Mário de Andrade and then President Getúlio Vargas, who spoke about the greatness of this region and the particularities found here, essential for a differentiated understanding of the territory Amazonian. This article will reflect on the history of the Amazon through the considerations of authors who have contributed to presenting the Amazon to the world and the rest of the country.

Keywords: Amazon. History. Authors.

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Funcionária pública do Ministério Público de Contas do Amazonas. E-mail: talitahfernandes@gmail.com;

² Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA. E-mail: renatapaiteamo@gmail.com;

³ Pós-doutorado em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos pela Universidade de Brasília – UnB. Professor do Programa de Pós graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Filosofia, Ciência Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas. e-mail: boscoladislau@mandic.com.br.

Introdução

A Amazônia tem ocupado um papel de destaque nas discussões nacionais e até mesmo internacionais. Diversas são as razões para esse protagonismo, pois o bioma amazônico é único quanto a diversidade vegetal, animal e mineral. A crescente preocupação com o desenvolvimento sustentável a fim de diminuir as pressões sobre o meio ambiente tem interferido diretamente em como as pessoas têm enxergado essa região, mas a desinformação ainda é muito grande.

Em episódio recente, ocorrido em 2019, a Amazônia ocupou o cenário jornalístico mundial em decorrência de queimadas que ocorriam nos seus limites. No turbilhão de fatos levantados à época destacou-se um em especial: o renascimento de um velho mito existente sobre a Amazônia (de que ela era o pulmão do mundo).

Essa ideia foi bastante propagada na década de 80. A origem, por sua vez, não é certa. Há quem aponte para equívoco resultante de uma entrevista do biólogo alemão Harald Sioli, em entrevista de 1971. O jornalista, ao invés de reproduzir as palavras do cientista de que a Amazônia fixaria 25% do CO₂ (gás carbônico), trocou o composto químico por O₂ (gás oxigênio), dando início a esse mito.

Independentemente de como surgiu, a ideia permanece presente, embora essa hipótese já tenha sido superada pelos avanços científicos que apontam para algas marinhas como as responsáveis pela maior parte de fornecimento de oxigênio. Embora inverídica, facilmente ela foi lembrada em um momento de crise.

Tal fato é ilustrativo do poder de penetração das ideias no inconsciente da coletividade quando alardeadas e propagadas por um lapso temporal. E a Amazônia, por sua vez, desde os primórdios da ocupação lusitana, sofreu com inúmeras inverdades retratadas, pelas mais diversas formas e pelos mais diversos atores. Essas histórias permeiam o imaginário sobre a Amazônia e até hoje influenciam a forma pela qual é vista.

Assim, o objetivo desse estudo é revisitar os escritos sobre a Amazônia, perpassando por três épocas distintas de produção. Serão trabalhadas as crônicas de viagem (pelo vanguardismo no tema), posteriormente os ensaios científicos do século XVIII e por último textos nacionais. Tantas histórias e estórias foram contadas e o seus conhecimentos fazem necessários para entender o presente.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois expõe conceitos e estudos sobre o tema e possibilita a sua relação com o mundo fático, e sua aplicação na análise da história do Amazonas através do relato dos autores citados ao longo do texto. Sendo também uma pesquisa bibliográfica por reunir dados e informações recolhidos da produção científica a respeito do tema.

No tocante a abordagem, será de cunho qualitativo, pois não há intenção de transformar os resultados em dados quantitativos de análise e ainda utilizará a abordagem dedutiva partindo de conhecimentos já existentes sobre o assunto. A pergunta problema a ser respondida no presente trabalho é: como a Amazônia tem sido retratada ao longo do tempo e os reflexos disso no presente?

As Crônicas de Viagem: A Dualidade dos Relatos

Primeiramente, é preciso entender o contexto de que essas produções foram feitas. Os europeus haviam recém chegado ao Novo Mundo, terras desconhecidas e inexploradas sob o viés do Velho Mundo. O sistema econômico em voga era o mercantilismo, marcado especialmente pela acumulação de metais preciosos pelos estados nacionais.

Tendo por base esse modelo, os países que se descortinaram nas grandes navegações, notadamente Espanha e Portugal, procuravam nas suas possessões esses metais. Portanto, a fim de conhecer esses territórios, várias expedições foram realizadas, e as crônicas resultantes foram responsáveis por apresentar as características dessas terras aos seus conterrâneos. Imaginárias ou não, por muito tempo, esse foi o relato conhecido do ambiente e povos que habitavam a Amazônia, por isso a importância de ainda conhecê-los.

Da lista dos mais conhecidos textos, encontra-se a cronística de Gaspar de Carvajal e de Cristóbal de Acuña. O primeiro era um frei dominicano, que fez parte da expedição de Francisco Orellana; enquanto o outro era um padre jesuíta componente da expedição de Pedro Texeira. E como se verá, cada um tem sua respectiva parcela na criação desse lugar chamado Amazônia.

Gaspar de Carvajal, por sua vez, tem como auge da sua narrativa o encontro com as temidas Amazonas, no qual as descreve e narra o modo de vida dessas mulheres guerreiras, Gondim (2017). Mas também perpetrou inúmeras descrições dos cenários encontrados, com destaque para a exuberância da natureza. Nesse sentido (GONDIM, 2007, P. 100) declara “quando não compara, iguala ou privilegia os frutos, animais e as terras aos da Espanha”.

O relato de Carvajal apresentou ainda a dualidade daquelas novas terras. Embora de uma natureza esplendorosa, a falta de comida foi algo que assolou a expedição por todo o caminho. Rosário e Rosário (2018). Bem como os embates com os povos nativos foram uma constante. E já passava uma mensagem, o paraíso pode ser tão inóspito quanto qualquer outro lugar.

Já os escritos do padre Cristóbal Acuña persegue, mesmo um século depois, o mesmo objetivo dos primeiros textos: a colheita de elementos para melhor subsidiar as ações exploratórias da Metrólope. Nesse sentido, há aproximações com o texto de Carvajal, como a marca descritiva dos relatos. Além disso, outro ponto os aproxima, Acuña reedita o mito da Amazônia, com base nas narrativas de Carvajal e de nativos com os quais teve contato. Mafra (2012).

Contudo, há nuances que o distinguem dos escritos de Carvajal. Nos seus relatos, recai sobre a descrição das populações nativas os epítetos de boa índole, gente pacífica e bem adaptada ao meio, o que diferencia bastante da visão aguerrida com a qual Carvajal teve contato. É interessante notar ainda a utilização por Acuña do termo bárbaro ao referir-se a esses povos, o que denota um claro pré-julgamento da sua parte de *habitus* diferentes ao seu. Mafra (2012).

É preciso ressaltar que houve vozes dissonantes nesse período. Pessoas que escreveram sobre a Amazônia sem reproduzir os tons fantasiosos e sem carregar os pré-julgamentos tão comuns nos escritos iniciais. Reitera-se que, mesmo naquela época, já havia quem escrevia sobre a Amazônia com tons mais realistas e temperados.

Para exemplificar, cita-se os escritos de Michel de Montaigne e padre João Daniel. Enquanto o primeiro era um nobre ensaísta que escreveu com base em informantes; o segundo teve sua obra resultado da experiência acumulada de 1741 a 1757, onde viveu na América portuguesa até ser expulso, em decorrência de um movimento de cisão entre a Companhia de Jesus e o Estado português.

O diferencial da obra desses dois autores versa justamente sobre relatos despidos do lugar comum dos seus contemporâneos, despidos de um olhar, carregados de pré-noções e pré-conceitos. Inclusive Montaigne (1987) já inicia com a seguinte afirmação:

Não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela idéia dos usos e costumes do país em que vivemos. Neste a religião é sempre a melhor, a administração excelente, e tudo o mais perfeito. A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos que a natureza produz sem intervenção do homem. No entanto aos outros, àqueles que alteramos por processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificamos, é que deveríamos aplicar o epíteto. As qualidades e propriedades dos primeiros são vivas, vigorosas, autênticas, úteis e

naturais; não fazemos senão abastardá-las nos outros a fim de melhor as adaptar a nosso gosto corrompido (MONTAIGNE, 1987, P. 101).

E prossegue retirando qualquer nota mística ou mítica das terras localizadas no novo Mundo. Embora muitos tenham atrelado a América à ideia do continente perdido de Atlântida, Montaigne (1987) dissipa tal alusão, uma vez que havia poucos indícios que sustentaria a mesma hipótese, a exemplo de não ser uma ilha e a própria localização (distante muitas léguas onde os mitos apontavam que houve a submersão). Montaigne (1987).

Padre João Daniel, em seus manuscritos, já rebate, de pronto, a falta de caracterização do autóctone como gente por parte de muitos europeus, o que lhe parecia um disparate. Assim discorria:

Os habitantes e naturais índios do grande Amazonas são gente também disposta e, proporcionada, como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente, porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeus que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e uma semelhança de racionais; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana (DANIEL, 2004, P. 263).

E prossegue, nas suas notas, sobre essa população indígena, observando o despreendimento desses povos com os metais preciosos, a simplicidade dos seus locais de habitação, as relações existentes entre seus componentes, dentre outros aspectos. Embora tenha um pensamento a frente da sua época, em alguns momentos ele ainda transparece as velhas noções, como nessa passagem: “Posto que vivem em povos, e repúblicas mui numerosos os naturais do Amazonas, contudo em pouco se diferenciam dos bichos e feras do mato; exceto a nação inca do império do Peru” (DANIEL, 2004, P. 269).

Como visto, no geral, os relatos de viagem da Amazônia, iniciada pela necessidade de conhecimento das novas terras a fim de viabilizar um processo de colonização europeia, seguiram uma linha uníssona, ora com tons oníricos ora com tons verossímeis. Nesse momento, a natureza era exaltada, e os índios eram vistos, na sua grande maioria, como elementos à margem da humanidade, ressalvada exceções, como exposto acima.

Outrossim, já é possível perceber, nesse momento, como ideias e noções são criadas e perpetuadas no inconsciente de uma coletividade. Desde esses escritos, vem sendo construído e atrelado aos índios as características de “boa índole” e da “pacificidade”. É a identificação dessas reminiscências que confere sentido a esse estudo.

As Expedições Científicas

Após as narrativas de viagem, que tinham um objetivo claro de apresentar o Novo Mundo com suas características aos que não se aventuraram nas viagens marítimas e, conseqüentemente, propiciar informações para melhor viabilizar a colonização, um outro momento de produção textual destaca-se, resultante de expedições científicas.

Com objetivo diferente, essas expedições científicas tinham por meta analisar a grande biodiversidade encontrada na Amazônia, permitindo um alargamento do campo científico em estudo. Compostas especialmente de grandes cientistas à época, das mais variadas especialidades, como geógrafos, naturalistas, botânicos, esses escritos possuem um teor pretensamente científico bem mais pronunciado que os da leva anterior e também fazem parte do acervo sobre a Amazônia, contribuindo para a elaboração de um conjunto de ideias pré-formadas duradouras desse *locus*. Dessa forma, tratar-se-á, nesse texto, dos seguintes autores: La Condamine, Agassiz e Humboldt.

La Condamine foi um cientista e explorador francês que realizou a descida do rio Amazonas. Sua ida a América do Sul tinha um propósito específico: encontrar indícios sobre a forma do globo terrestre. Ele colheu o que era necessário, mas alargou em muito as suas observações, descrevendo sobre a flora, fauna e meio ambiente físico.

Contudo, ganhou repercussão à época suas anotações sobre as populações nativas. Receptáculo de várias teorias em voga à época sobre a inferioridade desses povos, ele as reproduz, descrevendo os índios de forma negativa. Safier (2009) inclusive comenta que não era comum textos acadêmicos trazer essa discussão sobre os ameríndios. E prossegue:

Suas afirmações mordazes a respeito dos povos indígenas sul-americanos, que ele descreve como preguiçosos, de pouca inteligência, glutões e inaptos para o pensamento racional, faziam parte de um vocabulário comum na discussão sobre os ameríndios, compartilhado por muitos autores europeus à época do início de sua viagem, especialmente na medida em que uma visão a respeito dos vários estágios do desenvolvimento humano se tornou predominante entre naturalistas e filósofos europeus, de Montesquieu a Hume. As observações de La Condamine tiveram um efeito especialmente negativo para o imaginário europeu do ameríndio, uma vez que esse viajante era, no mais das vezes, percebido como um observador confiável aos olhos dos leitores europeus (SAFIER, 2009, P. 97).

La Condamine, conforme relata Safier (2009), foi um cientista popular, levando seus escritos a um alcance massivo pelas populações europeias, científicas e comuns, ávidas por histórias de um mundo desconhecido. Embora aponte Safier (2009) que grande parte da obra

de La Condamine tenha sido feito por meio de apreensões de outras narrativas furtando-se de dar o crédito a essas fontes, não é possível negar o impacto dos seus escritos na sociedade àquela época e suas repercussões até o presente.

A Relation abrégée de La Condamine, mais que qualquer outro relato contemporâneo, conduziu leitores europeus pelo Amazonas do século XVIII, introduzindo a comunidade científica e o público amplo de leitores a um novo mundo, que, nos dois séculos e meio que se seguiram, tornou-se um importante laboratório e uma poderosa metáfora para a riqueza e a diversidade da vida animal e vegetal da Terra...Foi esse legado mistificador de observações in loco próprias — e não alheias — que criou, na época do Iluminismo, um retrato tão duradouro da Amazônia, um quadro que conseguiu sobreviver — e, infelizmente, mesmo prosperar — até nossos dias (SAFIER, 2009, P. 111).

Já Louis Agassiz, zoólogo suíço residente nos Estados Unidos da América, veio ao Brasil para pesquisar os peixes da Bacia Amazônica e pesquisar a existência de recente glaciação a fim de sustentar as ideias criacionistas por ele defendidas. Acompanhado da sua esposa, Elizabeth Agassiz, eles percorreram várias regiões brasileiras, inclusive a Amazônia.

Também Agassiz não se deteve somente ao objetivo para o qual tinha motivado a expedição, debruçando-se ainda sobre a observação das populações com a qual se deparou durante a viagem e com especial enfoque para a questão racial encontrada no Brasil (especialmente na Amazônia).

Agassiz era adepto das ideias racistas vigentes do período que apontavam para uma superioridade da raça branca em detrimento das demais. E tal posicionamento fica patente no seus relatos em especial na Amazônia. Ao descrever as condições gerais da população amazônica, falando da importância de aumentar a população naquela região, ele discorre sobre o branco encontrado lá e o processo de degeneração que estaria em andamento:

Não somente a população branca é muito escassa para suprir a tarefa que tem diante de si, como essa população não é menos pobre em qualidade do que reduzida em quantidade. Ela apresenta o singular fenômeno duma raça superior recebendo o cunho duma raça inferior, duma classe civilizada adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens. Nas povoações do Solimões, as pessoas que são consideradas como da aristocracia local, a aristocracia branca, exploram a ignorância do índio, ludibriam-no e embrutecem-no, mas tomam não obstante os seus hábitos e, como ele, sentam-se no chão e comem com as mãos (AGASSIZ e AGASSIZ, 2000, P. 239) .

Kury (2001) afirma que a preocupação latente do cientista em comento era com a miscigenação verificada em terras brasileiras. Quando em ambiente amazônico, havia verificado os encontros de diversas raças, tendo por resultado: mameluco, cafuzo, mulato,

caboclo etc. E o próprio Agassiz (2000) conclui sobre o resultado dessa mestiçagem na seguinte passagem:

Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu. (AGASSIZ, 2000, P. 282)

Por fim, grande notoriedade tem os escritos de Alexander von Humboldt, naturalista e explorador alemão, que viajou pela América Latina incluindo o Brasil. É interessante observar que sua estada no Brasil foi abreviada em virtude de impedimento oriunda da coroa portuguesa de permanecer em suas possessões, mas não impediu todavia para qualidade dos seus estudos.

Humboldt, dos até agora citados, desenvolveu um texto com acepções científicas mais delimitadas, trazendo inúmeros avanços nas áreas de botânica, cartografia, oceanografia, dentre outros. Para Guimarães (2010), os escritos de Humboldt possuem um novo olhar sobre a América e é a partir deles que “ o século XIX pôde assistir à emergência de narrativas que procuravam marcar a valorização dos territórios do Novo Mundo, processando uma ruptura tanto com a imagem do Paraíso quanto com a depreciação ilustrada” (GUIMARÃES, 2010,P. 710).

Não há dúvida de que a protagonista dos textos de Humboldt era a natureza. Conforme afirma Andrä (1962) “a hoje vulgarizadíssima expressão "Hiléia" ou "Hiléia Amazônica", aplicada à vastíssima selva da bacia hidrográfica do Amazonas, pertence a Humboldt, fundador da fitogeografia”. (ANDRÄ, 1962, P. 397)

Assim, Humboldt traz como enfoque da sua obra a Floresta Amazônica, seus encantos, sua grandiosidade; ao mesmo tempo, que relega a um plano secundário os habitantes daqueles territórios. Como não reconhecer a atualidade desse enfoque, se até o presente muito se fala do bioma amazônico e da sua preservação sem ao menos refletir o que isso significa e representa para as populações que lá habitam.

A Amazônia segundo os Próprios Brasileiros

Até agora, a Amazônia, tanto nos aspectos naturais como das populações nativas, foi sendo descrita, relatada e (pseudo)decifrada nos relatos dos autores estrangeiros. Ora com uma

lente mais espessa ora mais fina de estranheza, os observadores alienígenas liam a Amazônia, encantados ou desiludidos, incapazes de apreender toda a sua magnitude.

O processo de conhecimento e de construção do que representa a Amazônia prosseguiu após esses escritos estrangeiros. Nessa terceira passagem, abordar-se-á como os nacionais lidaram com a questão da Amazônia, apresentando as suas percepções. É preciso, contudo, ter em mente que um novo propósito, pensado pela elite nacional, surgia no horizonte da Amazônia e foi esse um dos motes a encarregar essa nova produção textual: a questão da necessidade de integrar e desenvolver a Amazônia. Para ilustrar esse tópico, falar-se-á de Euclides da Cunha, Mário de Andrade e Getúlio Vargas.

Euclides da Cunha era engenheiro militar, mas se sobressaiu como jornalista e escritor. Famoso por seu livro vingador ‘os sertões’, o qual relata a guerra de canudos; Euclides acaba por demonstrar uma predileção em tratar das regiões menos favorecidas do país. Em ‘um paraíso perdido’ são reunidos os ensaios de Euclides sobre a Amazônia, resultado de sua estada nessas terras ao ser contratado pelo Governo para participar da demarcação de fronteira entre o Brasil e Peru.

Nos seus escritos, a Amazônia é retratada como um inferno verde, que exaure e fagocita lentamente os homens que habitam o interior profundo da selva, longe de qualquer civilização, entregues aos desmandos de senhores da borracha e aos caprichos da natureza. A floresta é portentosa, mas é inóspita ao mesmo tempo.

No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o (CUNHA, 2000 ,P.113).

Para Guimarães (2010), o objetivo euclidiano de recontar a Amazônia agora sob o prisma de um inferno e não paraíso era necessário e proposital.

No início do século XX, era preciso lançar um olhar para a Amazônia que fosse muito próprio do Brasil; era necessário não apenas ver, mas ver com os olhos de um brasileiro. O Brasil republicano necessitava encontrar seus rumos em direção ao progresso e à civilização. Era preciso, então, destituir a Amazônia dos ‘marcadores’ que a literatura científica (e estrangeira) de viagem lhe havia imprimido durante mais de um século. Uma floresta que encantava a alma humana não coadunava com uma nação que urgia ser completamente civilizada e caminhar em direção ao progresso,

sendo necessário, para tanto, entre muitas outras coisas, eliminar os últimos redutos ‘desérticos’ do Brasil. A Amazônia configura-se, então, sob essa perspectiva, repleta de desencantos, pois como seria possível desenvolver, modificar uma ‘terra encantada’? Tornava-se necessário constituí-la ‘de outros modos’ e, assim, incorporá-la ao processo de desenvolvimento considerado necessário à República do Brasil (GUIMARÃES, 2010, P. 712).

Da desconstrução da paradisíaca Amazônia perpetrada por Euclides, novamente é necessário construir um ideal em torno dessas terras. O objetivo, afinal, permanecera o mesmo: povoar e desenvolver a Amazônia, trazendo o progresso aos rincões desta vasta área do território nacional. Tanto intelectuais como a elite política pactuavam desse ideário comum. Nesse sentido, podemos citar Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas era advogado e estadista, que contribuiu para a derrocada da República Velha, assumindo o comando do país de 1930 a 1945. Em uma de suas passagens pela região Norte, ele proferiu discurso na cidade de Manaus, exaltando a região amazônica e conclamando para o início de uma nova era de bem aventurança, vejamos:

Nada nos deterá, nesta arrancada, que é, no século vinte, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da Terra, e, equiparado aos outros grandes rios, tornar-se-á um capítulo da história da civilização (BRASIL, 1940, P. 80).

A Amazônia desenhada por Vargas, nesse discurso, aparece vibrante, à espera de oportunidade para brilhar naquele novo momento histórico. E esclarece que, naquele momento, as velhas calúnias (clima insalubre e terras impróprias para cultivo) não poderiam ser mantidas. A Amazônia era um potencial a ser desenvolvido.

Contemporâneo ao político sul-rio-grandense, Mário de Andrade, escritor filiado à corrente modernista, comungava da necessidade de reconstruir a ideia do Brasil por uma visão endógena. E nessa missão, não só realizou pesquisas bibliográficas para embasar sua produção textual, mas também visitou diversas regiões, dentre elas a Amazônia, produzindo ricos relatos etnográficos.

Dessa forma, vários são os temas amazônicos tratados em ‘o turista aprendiz’ quando da sua passagem pela Amazônia. De forma leve e humorada, o escritor descreve o tão conhecido e (supostamente) caluniado clama:

Às doze horas todos foram dormir e só acordei pro banho da tarde. O calor aqui está fantástico, porém o paraense me falou que embora faça mesmo bastante calor no Pará o dia de hoje está excepcional. De cinco em cinco minutos saio do banho e me enxugo

todo, sete lenços, dezessete lenços, vinte e sete lenços... Felizmente que trouxe três dúzias e hei-de ganhar da lavadeira (ANDRADE, 2015, P. 73).

E de forma humorada continua a descrever esse inusitado clima:

Esta variedade infinita de calores amazônicos. Batia um calor fresquinho no furo. Ontem, depois da chuva, bateu um calor tão frio que as mulheres daqui se cobriram. E dizem que lá dentro, quando estivermos de fato no coração do imenso rio, tem madrugadas tão úmidas que a gente chega a tiritar de calor (ANDRADE, 2015, p. 75).

Não ficou de fora a observação da natureza nem dos povos. Os lagos calmos, formados pelas águas do amazonas, berços da vitória-régia. E o processo de aculturação dos índios próximos a Manaus, no qual relatou em visita a tribo dos pacaás novos a seguinte situação: “Um índio velho veio logo falando que era o intérprete e ganhava sete mil-réis por hora. Me sujeitei e ele foi contando que com aqueles gestos a menina estava me pedindo presentes, sempre a mesma coisa” (ANDRADE, 2015, P. 99).

Enfim, a Amazônia é multifacetada e sempre tem quem queira explorar um dos seus lados ou vários deles. Claro é também que os escritos nacionais trouxeram uma nova camada de interpretação e sensibilidade ao tema dado a aproximação com o problema, mas ela também não é imune aos desejos pujantes de sua época.

Conclusão

O presente trabalho se dedicou a análise da história da Amazônia a partir das crônicas de vigem, que foram os relatos enviados aos europeus, apresentando a região amazônica e as suas características naturais, apresentando-os o novo mundo a terra até então desconhecida e que a partir das impressões repassadas por estes passou a ser reconhecida fora do país.

Apresentou também os ensaios científicos que foram determinantes para colocar mais uma vez a Amazônia no centro do mundo, desde as expedições realizadas à região amazônica em si, a experiências com sua biodiversidade e a sua cultura, sendo também determinantes para que a Amazônia recebesse o olhar do restante do mundo, para o desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas.

E ainda a visão de autores como Euclídes da Cunha que se dedicou a apresentar para o país as regiões menos conhecidas e menos favorecidas no cenário nacional e ainda o autor Mário de Andrade que também desempenhou importante papel ao divulgar para o restante do país as belezas do amazonas.

Por último e não menos importante as considerações realizadas por Getúlio Vargas, que ao tempo do seu discurso era Presidente da República e emocionou o restante do país ao fazer menção a Amazônia enaltecendo-a e direcionando os olhares do restante do Brasil à Amazônia.

Quanto a resposta a indagação apresentada no início do presente trabalho: como a Amazônia tem sido retratada ao longo do tempo e os reflexos disso no presente? A resposta é que a Amazônia em sua totalidade tem sido retratada ao longo do tempo sob diversos olhares, olhares sinceros, olhares tendenciosos, olhares providos e desprovidos de interesses, olhares científicos e populares e é justamente essa diversidade de olhares que permite a o Brasil e ao mundo enxergar a Amazônia de forma tão diversificada.

A pluralidade que envolve a Amazônia a descreve para o mundo, a beleza, a diversidade natural e a sua cultura ímpar, a partir dos relatos pode-se contemplar uma região rica, ampla territorialmente, múltipla em sua biodiversidade e muito promissora, quando enxergada a partir de uma visão progressista, que apesar de ultrapassada ainda resiste.

O pensar na Amazônia de amanhã, no verde e na preservação da biodiversidade para que as gerações vindouras possam ser contempladas com o verde das florestas e com a imensidão dos rios, faz com que o mundo enxergue a Amazônia enquanto um refúgio futuro e não uma preocupação presente.

Existem inúmeros projetos de reflorestamento, de consciência ambiental, proteção da fauna local, e estes atuam paralelamente ao desmatamento, aos impactos ambientais latentes e aos interesses das elites dominantes atuantes no país e fora dele. A Amazônia deve ser vista com menos deslumbramento e mais razão, para que a mesma possa sobreviver hoje, se regenerar hoje e a partir da sua regeneração atual, projetar uma Amazônia do futuro.

Referências

ANDRÄ, Helmut. **Alexander von Humboldt e as suas relações com o Brasil**. Revista de História, v. 25, n. 52, p. 387-403, 1962. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121720/118612>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P. 397.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**/ Mário de Andrade; edição de texto apurado, anotado e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopes, Tatiana Longo Figueiredo, Leandro Raniero Fernandes, colaborador – Brasília, DF: Iphan, 2015. P. 75 – 99.

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1048/584305.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P.239.

BRASIL. Presidente (1930-1945: Getúlio Vargas). **O destino brasileiro do Amazonas - discurso pronunciado no Ideal Club, de Manaus, agradecendo o banquete oferecido pelo interventor e pelas classes conservadoras do estado.** Manaus, 09 de outubro de 1940. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/31.pdf/@download/file/31.pdf>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P.80.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido : reunião de ensaios amazônicos.** Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1038/573595.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P.113.

DANIEL, João. 1722 -1776. **Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas.** V.1/Padre João Daniel – Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. P. 263 -269.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007. P. 100.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Euclides da Cunha na Amazônia: descontinuidades históricas nos modos de ver e narrar a floresta.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 17, núm. 3, 2010, p. 705-718. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3861/386138050008.pdf>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P.710 – 712.

KURY, Lorelai B. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 157-172, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a09v2141.pdf>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020.

MAFRA, Sandoval da Silva. **A visão amazônica do Pe. Cristóbal de Acuña: da viagem à invenção da Amazônia.** Revista Língua e Literatura, n 30, 2012, p. 217-234. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/97576/96449/>>. Acessado em: 11 de janeiro de 2020.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio.** São Paulo: Nova Cultural, 1987. P.101.

ROSÁRIO, Jocenilda Pires de Sousa do; ROSÁRIO, Samuel Antonio Silva do. **A cronística de Gaspar de Carvajal e a colonização da Amazônia.** Nova Revista Amazônica, vol. VI, número especial, p. 93-107, dezembro 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/download/6469/5198>>. Acessado em: 11 de janeiro de 2020.

SAFIER, Neil. **Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 91-114 - 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957.pdf>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020. P. 97 – 111.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

FERNANDES, Talita Hermógenes; LEITE, Renata Macêdo; ANDRADE, Joao Bosco Ladislau de. Crônicas de Viagem, Ensaio Científicos e Textos Nacionais: Uma Reflexão sobre a História Amazonense. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2021, vol.15, n.55, p. 52-64. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 10/02/2021; Aceito: 16/03/2021.